

Ética teológica, diálogo e libertação: a ética teológica no Brasil a partir da Sociedade Brasileira de Teologia Moral

*Theological ethics, dialogue, and liberation:
Theological ethics in Brazil from the Brazilian society
of Moral Theology*

Alexandre Andrade Martins

Resumo

Este ensaio apresenta uma perspectiva ética teológica, a partir do uso de métodos dialógicos por eticistas católicos brasileiros, reunidos pela Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM), e possível de ser verificado por meio dos congressos anuais dessa sociedade acadêmica e suas publicações coletivas. Sendo assim, este artigo apresenta uma reflexão ética teológica comprometida com o diálogo, a diversidade e os processos de libertação. Primeiramente, apresenta-se a trajetória da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e a abordagem dialógica que moldou seus congressos e publicações coletivas. Depois, desenvolve-se uma reflexão sobre o diálogo na ética teológica como meio de criação e libertação, a partir do encontro com os pobres em sua realidade e com outros parceiros em uma práxis de fé e luta por justiça. Por fim, o autor oferece uma experiência do uso dessa perspectiva considerando o princípio da opção preferencial pelos pobres na bioética teológica e os desafios da saúde global.

Palavras-Chave: Ética teológica. SBTM. Diálogo. Pobres. Saúde Global.

Abstract

This essay presents a theological ethics perspective grounded on the use of dialogic methods by Brazilian Catholic ethicists gathered by the Brazilian Society of Moral Theology (SBTM), and possible to be verified through the annual conferences of this academic society, and its collective publications. Therefore, this article offers an ethical theological reflection committed to dialogue, diversity, and liberating processes. First, it presents the trajectory of the Brazilian Society of Moral Theology and the dialogic approach that shaped its conferences and collective publications. Then, the author develops an account on dialogue in theological ethics as a means of creation and liberation from the encounter with the poor in their reality and with other partners in a praxis of faith and struggle for justice. Finally, the author offers an experience of using this perspective considering the principle of the preferential option for the poor in theological bioethics and the challenges of global health.

Keywords: Theological Ethics. SBTM. Dialogue. Poor. Global Health.

Introdução

A proposta deste ensaio é oferecer uma perspectiva da ética teológica, tal como se desenvolveu em uma parte da América Latina nos últimos cinquenta anos. A América Latina é uma região imensa com muita diversidade de visões teológicas. Embora muitos teólogos fora da América Latina tendam a perceber a teologia latino-americana como sinônimo de teologia da libertação, isso não é adequado devido à diversidade de perspectivas teológicas na região. Ser mais específico é importante. Além disso, este texto não tem como objetivo desenvolver um ensaio enciclopédico mapeando a ética teológica nesse continente. Cada país possui especificidades próprias responsáveis por criar diferenças entre a reflexão teológica desenvolvida por seus teólogos e teólogas, embora existam semelhanças entre muitas delas, principalmente no que diz respeito aos métodos, tendo como ponto de partida a análise da realidade. Por ambas as razões, diferentes perspectivas teológicas e experiências nacionais, limitarei minha apresentação a uma ética teológica de caráter dialógico e libertador desenvolvida no Brasil, pois ela nos oferece uma forma de pensar a ética cristã como uma ética teológica a partir de baixo, considerando duas

características marcantes da teologia na região. A primeira é uma perspectiva latino-americana, que surge de uma parte do mundo marcada pela injustiça social e pelas desigualdades. A segunda é a perspectiva dos pobres, que sofrem com a injustiça existente na região.

Em um primeiro momento, ofereço uma visão da ética teológica a partir da experiência de teólogos e teólogas moralistas brasileiros reunidos pela Sociedade Brasileira de Ética Teológica (SBTM), mostrando a trajetória e o dinamismo dessa sociedade acadêmica. Em seguida, apresentarei o modelo de fazer ética teológica que marca a produção acadêmica dos moralistas reunidos pela SBTM, caracterizado por um engajamento concreto pautado no diálogo como libertação, seguido por um exemplo de uma aplicação dessa perspectiva ética teológica no contexto da saúde.

A proposta é de uma ética dialogal e libertadora na teologia cristã, centrada na opção preferencial pelos pobres vista de forma expandida para incluir outros grupos marginalizados, e que depende de um envolvimento concreto com as realidades onde as pessoas vivem a pobreza, a opressão e a marginalização. A teologia é um ato secundário que brota de uma prática de fé comunitária, social e pastoral entre os pobres e os oprimidos. O teólogo é aquele que reflete sistematicamente essa prática de fé, seguida de uma *praxis* social a partir do seu comprometimento de fé e de seu envolvimento comunitário. Não há ética dialogal e libertadora se o teólogo e a teóloga permanecerem distantes de onde vivem os pobres e oprimidos, não participando de sua experiência de fé e de sua luta por libertação. Por isso, apresento este texto a partir de um contexto concreto que é o da América Latina, particularmente do Brasil, para mostrar que uma ética da libertação presente na ética teológica brota de baixo, ou seja, a partir do encontro com os pobres, oprimidos e sofredores, onde se contempla o rosto crucificado de Jesus. Este é um encontro de diálogo e aprendizado, sob o Espírito do Crucificado e cercado pela realidade histórica. Nessa visão, o diálogo e a opção preferencial pelos pobres são centrais para o desenvolvimento de uma ética teológica a partir de baixo, ou seja, uma ética libertadora e dialogal a partir da perspectiva dos pobres e das populações historicamente oprimidas.

Para oferecer essa ética teológica de baixo, comprometida com o diálogo e os processos de libertação, apresentarei a trajetória da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e a abordagem dialógica que moldou o encontro com os pobres em sua realidade e com outros parceiros em uma práxis de fé e social pela justiça. Por fim, apresentarei a relevância do princípio da opção

preferencial pelos pobres para ética, considerando sua utilização na bioética teológica.

1. Ética Teológica Católica a partir da jornada da SBTM

Uma das melhores maneiras de ver a trajetória da ética teológica católica no Brasil pós-Vaticano Segundo é olhar os caminhos da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM), seus congressos e publicações. Embora essa sociedade acadêmica de teólogos e teólogas da ética teológica – ou teologia moral¹ – não seja um grupo de teólogos da libertação, nem esteja comprometida com nenhum método específico, o aspecto libertador esteve presente na maioria de suas publicações coletivas, com grande presença de vozes marginalizadas, como os pobres, e marcada pelo diálogo com outras disciplinas, especialmente as ciências sociais, para ajudar a compreender as realidades e seus desafios.² Fundada em 1977, a SBTM é a maior organização acadêmica de ética teológica da América Latina, e era a única da América do Sul até 2019, quando um grupo de eticistas argentinos fundou a MORAR (Sociedade de Teólogos Morais da Argentina).³ Desde o seu início, a SBTM promove congressos anuais, totalizando 45 encontros em 2022. Um breve olhar sobre os temas de cada congresso permite ver as principais preocupações dos eticistas católicos brasileiros a cada ano.⁴ Consequentemente, também é possível ver alguns dos principais desafios enfrentados pela Igreja Católica na sociedade brasileira. Segundo Ricardo Hoepers, que examinou a trajetória da

¹ Pode-se argumentar que esses termos se referem a duas categorias diferentes de teólogos e métodos teológicos. Não estou contestando isso. Apenas usando esse termos como sinônimos aqui, uma vez que uma possível diferença entre eles não impacta os principais argumentos levantados neste ensaio.

² Veja, por exemplo, PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), *Ética teológica e transformações sociais*; e ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.), *A Moral do Papa Francisco*, publicadas respectivamente em 2014 e 2022, em momentos diferentes da SBTM presidida pelo Padre camiliano Leocir Pessini e pela primeira mulher Maria Inês de Castro Millen. Ambas as coletâneas de artigos reúnem uma diversidade de textos que mostram o caráter dialogal e comprometido com a justiça e as populações historicamente marginalizadas.

³ No continente americano, ainda temos a Sociedade de Ética Cristã nos EUA, que foi fundada em 1959 por um grupo de eticistas protestantes e, posteriormente, expandiu seu caráter ecumênico incluindo eticistas católicos. Atualmente é a maior sociedade de ética teológica do mundo. Veja: THE SOCIETY OF CHRISTIAN ETHICS. History of the SCE.

⁴ Para a lista dos congressos e seus temas, veja: SOCIEDADE BRASILEIRA DE TEOLOGIA MORAL, Congresso.



teologia moral no Brasil com base nos congressos da SBTM, “o enfoque da SBTM apresenta um lado dinâmico e criativo da Teologia Moral no Brasil.”⁵ Ele identificou três grandes fases dos congressos da SBTM. Cada uma foi caracterizada por temas abordados por teólogos e teólogas morais que refletiam os desafios sociais e eclesiais presentes no Brasil e na América Latina.

Essas três fases são: 1. (1977-87) – Influenciada diretamente pelo Concílio Vaticano II e pelas conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), essa fase criou dois aspectos importantes para a originalidade da teologia moral no Brasil: “desacomodação, conscientização e articulação”.⁶ Isso significa um momento de organizar uma teia entre aqueles que estudavam ética na Igreja Católica, e de estabelecer um “processo de conscientização” pelas práticas dos teólogos morais inseridos entre o povo. Sair da zona de conforto, conscientização e articulação definem essa fase. 2. (1988-98) – A segunda fase caracterizou-se por uma profunda reflexão das mudanças sociais e culturais pelas quais passava a sociedade brasileira. A maioria das conferências da SBTM foi marcada por temas ligados à ética social. Essa fase também teve um aumento significativo da participação de leigos nos debates teológicos e uma busca por maior interação com outros países da América Latina. 3. (1999-2011) – Na terceira fase, a SBTM mostrou maior disposição para dialogar com uma sociedade pluralista. A SBTM começou a convidar pessoas de outras áreas do conhecimento e de tradições religiosas diferentes para falar nos congressos. Isso foi essencial para criar um ambiente de pluralidade e diálogo.⁷ Hoepers sugere que desde 2012, a SBTM iniciou uma nova fase, projetando novos frutos a serem cultivados com base em 35 anos de experiência, estudos e publicações, antes inexistentes. Ele diz: “Numa vida tão plural e num tempo tão desafiador quanto o nosso, em que tudo caminha numa velocidade absurda, a Teologia Moral no Brasil, por intermédio da SBTM, quer manter seu papel de mediadora investindo na formação da consciência e no diálogo para produzir frutos da caridade para a vida do mundo.”⁸

⁵ HOEPERS, R., O Legado teológico-moral da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e sua força transformadora no Brasil, p. 341.

⁶ HOEPERS, R., O Legado teológico-moral da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e sua força transformadora no Brasil., p. 351.

⁷ Para um maior aprofundamento sobre todas as fases dos SBTM, seus congressos e um estudo teológicos sobre seus temas até 2012, veja: HOEPERS, R., Teologia moral no Brasil.

⁸ HOEPERS, R., Nossa História.

A reflexão teológica impulsionada pela SBTM sempre brotou do encontro com os desafios históricos vividos por pessoas concretas. Nas últimas duas décadas, essa realidade levou os eticistas a olhar para novos grupos de oprimidos, ampliando a opção preferencial pelos pobres para uma perspectiva que inclui todos aqueles e aquelas que são vítimas de um sistema de marginalização e opressão por razões além da pobreza, como racismo,⁹ gênero¹⁰ e dependência química.¹¹ Além disso, as mais recentes discussões nos congressos da SBTM também incluíram as lições e apelos vindos do magistério e do testemunho de Papa Francisco.¹² O ensinamento de Francisco incentivou os teólogos e as teólogas da SBTM a construir pontes e abrir “as portas das comunidades, como um hospital de campanha que acolhe a todos, sem discriminação”.¹³

A grande maioria dos congressos foram seguidos pela publicação de um livro coletivo, fruto dos trabalhos e das falas nesses encontros.¹⁴ Esses livros nos oferecem um retrato do compromisso da comunidade teológica moral no Brasil com uma perspectiva ética dialógica e libertadora, que transpassa uma variedade de temas éticos desde a moral fundamental¹⁵ até a bioética.¹⁶ Essas publicações também mostram os desafios que os eticistas católicos brasileiros

⁹ SANTOS, F., Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento da formação, p. 335-354. Esse é um dos poucos textos nas coletâneas organizadas pela SBTM que abortam questões raciais. A ausência de publicações que olham para questões raciais e os desafios no combate ao racismo da perspectiva da ética teológica revelam uma grande lacuna na ética teológica desenvolvida no Brasil.

¹⁰ MILLEN, M. I. C., A violência contra as mulheres, p. 173-196; TRASFERETTI, J. A.; DUQUE, T. Diversidade Sexual, p. 109-134.

¹¹ MARTINS, A. A., Drogas: interpelações à teologia moral, p. 71-81.

¹² Três livros coletivos da SBTM oferecem reflexões éticas teológicas a partir das lições e apelos do Papa Francisco: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.), O Imperativo ético da misericórdia; ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.), A Moral do Papa Francisco; ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.), ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.), Discernimento Moral e benignidade pastoral, publicados respectivamente nos anos de 2016, 2020 e 2021, a partir do tema dos congressos dos mesmos anos.

¹³ HOEPERS, R., SBTM – 45 anos construindo pontes e abrindo fronteiras, p. 388.

¹⁴ Uma lista com as publicações coletivas da SBTM está disponível em seu site oficial, com o link de acesso nas referências bibliográficas no fim desse artigo. Os livros coletivos da SBTM são publicados pela Editora Santuário, mantida pela Congregação dos Padres Redentoristas e com tradição na área de teologia moral, seguindo o legado do Santo Afonso de Ligório, fundador dos Redentoristas e patrono dos teólogos e teólogas moralistas. Os livros têm como organizadores membros da diretoria da SBTM.

¹⁵ PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), Teologia Moral: fundamentos, desafios e perspectivas.

¹⁶ TRASFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), Ser e viver: bioética, biotecnologia e sexualidade.

enfrentaram em diferentes épocas. Tomo, como exemplo, três séries de livros publicados por teólogos morais reunidos pela SBTM. A primeira foi a série *Teologia Moral na América Latina*, publicada pela Editora Santuário, em 12 volumes, de 1987 a 1996. São doze livros que examinaram questões éticas no Brasil e na América Latina, sempre relacionando-as com preocupações sociais, especialmente a injustiça e a pobreza que feriam a região. Esses livros também correspondem a um momento em que o Brasil voltava à democracia, após 25 anos de ditadura, com enorme desigualdade social e experiências de transformações socioculturais. Uma segunda série de livros, publicada de 2008 a 2012 como *Ser e...*, reflete que os teólogos e teólogas morais pareciam ter mais preocupações existenciais. Isso coincide com um momento de significativa prosperidade da sociedade brasileira, liderada pelo crescimento econômico e pela redução das desigualdades sociais. Agora, uma nova série de publicações aponta que os eticistas católicos estão enfrentando uma dupla questão: a preocupação com a justiça social em uma sociedade pluralista e tecnológica, e a necessidade de retornar e rever os fundamentos morais católicos (incluindo a revisão da teologia latino-americana desenvolvida nas últimas cinco décadas).

Essa dupla preocupação reflete também a questão do diálogo como um dos maiores desafios do Brasil hoje. Assim como Ricardo Hoepers afirmou que a nova fase do SBTM traz o esforço de investir na consciência e no diálogo, a sociedade brasileira precisa de um movimento capaz de fomentar um processo de consciência crítica pautado em um diálogo tolerante. Ao mesmo tempo, essa consciência deve se tornar a base de aprofundamento do diálogo rumo à democracia participativa. Isso deve acontecer com o objetivo de promover um diálogo crítico e tolerante dentro da Igreja, entre a Igreja e a sociedade laica e na sociedade civil como um todo.

Publicado em setembro de 2022, o último livro da SBTM¹⁷ mostra exatamente a necessidade de construir pontes de diálogo e atravessá-las para criar encontros produtivos e colaboração entre os diferentes. Na introdução desse volume, o atual presidente da SBTM, Mário Marcelo Coelho, diz: “cruzar fronteiras é também superar todas as formas de preconceito, a xenofobia, o racismo, a LGBTQIA+fobia, a aporofobia etc. É passar do desrespeito ao reconhecimento do outro, nisso consiste a urgência para a ética teológica”.¹⁸

¹⁷ COELHO, M. M. et al. (Orgs.), *Cruzar Fronteiras*.

¹⁸ COELHO, M. M., “Apresentação”, p. 13.



O Brasil vive uma enorme crise política e econômica com o aumento de movimentos de extrema-direita. Isso polarizou o país e criou um clima de rivalidade, incompreensão, intolerância e luta pelo poder político. O desemprego, a pobreza e a fome aumentaram. A violência e a intolerância passaram a fazer cada vez mais parte do cotidiano brasileiro. A pandemia do COVID-19 e seu manejo inadequado pelo governo federal criaram mais insegurança e desafios à saúde.¹⁹ Tudo isso contribuiu para uma atmosfera de raiva e instabilidade. Nesse contexto, o diálogo como ato de libertação e criação foi a primeira coisa a ser cortada de cena. Ninguém ouve o outro. A conversa torna-se apenas gritos que caem em ouvidos surdos. O “diálogo” só parece ser possível se “você concorda comigo”. Ao invés de ser um ato de libertação para uma recriação coletiva da sociedade, o “diálogo” tem sido utilizado como uma tentativa de dominar o outro, ou seja, não há diálogo como ato de comunicação entre intersubjetividades.

Ouvir o outro – que tem uma perspectiva diferente em um diálogo criativo que inclui as vozes de grupos historicamente marginalizados entre os interlocutores teológicos – precisa ser entendido como uma tarefa permanente que o teólogo e a teóloga devem promover em vista de manter essa tradição dialógica e libertadora da ética teológica no Brasil.

2. Diálogo como Libertação e Criação

O uso de métodos dialógicos é uma das características-chave da ética teológica desenvolvida no Brasil. No desabrochar da ética teológica promovida pela SBTM, foi possível perceber que os eticistas dialogaram com diversos interlocutores, indo além de outros teólogos profissionais para incluir estudiosos de outras disciplinas e representantes de comunidades marginalizadas. Eles não apenas falaram nos congressos, como também escreveram ensaios para os livros da SBTM.²⁰ O valor do diálogo parece óbvio, mas não é, especialmente em um contexto de crescente intolerância e polarização ideológica. Embora o diálogo faça parte do existir humano, engajar-se em um diálogo autêntico exige um esforço honesto de um interlocutor para interagir com outro numa inter-relação entre subjetividades. Isso requer abertura para ouvir o outro sem

¹⁹ Teólogos eticistas da SBTM também enfrentaram o desafio da COVID-19, o que pode ser visto em: TRASFERETTI J. A.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), *Ética teológica e pandemias*.

²⁰ Veja, por exemplo, o capítulo 14 escrito por um representante da comunidade LGBTQ+: MILANEZ, N., *Por uma ética*, p. 333-340.

pré-julgamentos e com disposição para aprender. Paulo Freire diz: “o diálogo é este encontro dos homens [e das mulheres], mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (...) Pronunciando o mundo, os homens [e as mulheres] o transformam”.²¹ É um ato de criação. Em um diálogo, as pessoas são agentes ativos que, mediados por seus contextos e perspectivas, criam e recriam seu mundo ao *pronunciá-lo*. Portanto, é uma ação coletiva de criatividade e crescimento. Um diálogo autêntico, em que um não tenta dominar o outro, é um “ato de libertação” para ambos os interlocutores que se dirigem ao mundo “que precisa ser transformado e humanizado”.²²

Como ato de libertação, o diálogo deve partir do pressuposto de que todos, independentemente de quem sejam e de onde venham, têm algo a oferecer e potencial para se engajar em um diálogo criativo para reconstruir o mundo. Isso não é fácil e se torna particularmente complicado no momento atual, que pode ser caracterizado por um dilema paradoxal. Por um lado, o mundo globalizado e tecnológico tem facilitado a comunicação e as interações entre culturas e povos. A migração global, por exemplo, tornou as sociedades locais mais diversificadas e plurais. Em outras palavras, a migração e o encontro entre distintas identidades criam sociedades onde pessoas diferentes compartilham o mesmo espaço. A diversidade e a comunicação global devem ser vistas como uma oportunidade para aumentar o diálogo que fomenta a criatividade e o crescimento humano. Por outro lado, o mundo globalizado e suas sociedades plurais têm visto um crescimento significativo da intolerância, nutrida pela falta do diálogo como ato de libertação e criação. Isso contribui para a difusão do que o Papa Francisco chama de “globalização da indiferença”.²³ Esse dilema paradoxal é claramente visível quando se olha para a discussão política em muitos países e a sua amplificação por meio das mídias sociais. Assim, a intolerância, a indiferença pelo outro que sofre e a falta de diálogo são visíveis em muitos contextos sociopolíticos, inclusive no Brasil.

Embora muitos provavelmente não estejam otimistas de que a intolerância em países marcados pela politização mudará em breve, a esperança não pode ser perdida e, para aqueles que ainda acreditam no diálogo como um ato de libertação, aqui está uma reflexão para iniciar uma conversa de aprendizado mútuo e recriação do mundo. Em sua *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire diz: “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos

²¹ FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 109.

²² FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 109.

²³ LS 52; FT 138.

homens [e mulheres]. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”.²⁴ Em seu livro *Educação como prática da liberdade*, ele diz: “e o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”.²⁵

Fé um no outro está longe daqueles que estão em lados opostos de uma polarização fechada para ouvir as pessoas de fora da bolha. Preguar para o coro é fácil, mas restringe a conversa a quem pensa como nós, correndo o risco de radicalização, ignorando os outros e perdendo oportunidades de desenvolver ideias criativas para abordar questões concretas do dia a dia e da vida social. As barreiras começam a cair quando alguém de um dos lados se abre para amar o outro do lado oposto. Assim como sugere Freire, sem um amor profundo pelas pessoas não há diálogo. Isso requer um grande movimento de humildade, esperança, fé e confiança como virtudes que fomentam um diálogo autêntico, tolerante e crítico. Como católico, talvez Freire tenha escrito isso inspirado por Jesus que declarou: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34), e encorajou os seus discípulos a amar os seus inimigos e a orar por eles (Mt 5,43). A tradição cristã também oferece luzes para iluminar experiências que buscam estabelecer um diálogo libertador e criativo. Sendo assim, a Igreja Católica pode desempenhar um papel significativo nessa missão, com grandes oportunidades para a ética teológica.

O Concílio Vaticano II ocorreu em um espírito de diálogo, essencial para produzir frutos para a Igreja e para o mundo. Um dos impulsos mais importantes para esse espírito de diálogo foi, em primeiro lugar, a coragem e a humildade do Papa João XXIII, que engajou toda a Igreja em um diálogo para repensar a si mesma e sua missão. Posteriormente, a lucidez do Papa Paulo VI deu forma a esse diálogo com a Encíclica *Ecclesiam suam*, por meio da qual apresentou o diálogo como o método do apostolado cristão, enraizado em quatro características: *claridade, mansidão, confiança e*

²⁴ FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 110.

²⁵ FREIRE, P., *Educação como prática da liberdade*, p. 107.



prudência.²⁶ O diálogo também tem sido um elemento-chave do pontificado do Papa Francisco. Geralmente ele inicia suas reflexões e documentos afirmando que está oferecendo um pensamento para “entrar em diálogo com todos”.²⁷ Na *Evangelii Gaudium*, Francisco argumenta que o diálogo social é importante para o bem comum: “a evangelização implica também um caminho de diálogo. Neste momento, existem, sobretudo, três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica”.²⁸ Na *Laudato Si'*, Francisco enfatiza: “pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, coloquem-se decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana”.²⁹

Nessa visão de diálogo, os pobres e os marginalizados têm um espaço especial para participar e apresentar suas vozes, como afirma a *Querida Amazônia* referindo-se aos povos originários. Eles são nossos principais parceiros no diálogo para avançar uma agenda de enfrentamento da crise ambiental e aqueles que mais são impactados com as consequências dessa crise.³⁰ Escutar é essencial para criar o diálogo e a amizade social, elementos fundamentais para Francisco em vista do bem comum:

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma muito mais discreta do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor.³¹

²⁶ ES 47.

²⁷ LS 3.

²⁸ EG 238.

²⁹ LS 189.

³⁰ QA 26.

³¹ FT 198.

Para Francisco, os pobres e marginalizados não apenas devem ser incluídos no diálogo para que estejam presentes, como também têm algo a ensinar a todos nós. Ele segue o espírito de diálogo promovido pelo Vaticano II e abraçado pelas Conferências Episcopais dos Bispos da América Latina e do Caribe. Estas Conferências também optaram por seguir o espírito de diálogo, especialmente as Conferências de Medellín e Puebla. Medellín encorajou uma *educação libertadora* baseada no diálogo crítico porque “a América Latina necessita para redimir-se das servidões injustas e, antes de tudo, do seu próprio egoísmo”.³² Puebla afirmou que a comunidade católica deve ser uma “ponte de contato e diálogo”,³³ acrescentando que: “neste contato e diálogo dever circular, numa atitude de escuta sincera e acolhedora, a problemática trazida por eles [os pobres] do seu próprio ambiente temporal”.³⁴ A Conferência de Aparecida (2007) – na qual o Cardeal Bergoglio de Buenos Aires teve um papel significativo, liderando a comissão de redação – também abraçou o diálogo como forma de anunciar a boa notícia e denunciar o pecado social: “um diálogo a partir de visões culturais deferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança”.³⁵

Embora dialogar não seja uma tarefa fácil em uma sociedade politicamente polarizada e com uma tendência à intolerância que torna essa tarefa ainda mais complicada, sem um diálogo libertador e criativo – capaz de incorporar a participação das pessoas diferentes em vista do aprendizado mútuo – não é possível recriar o mundo e reconstruir o sistema político para que ele se oriente à promoção do bem comum. O amor é o princípio e o fundamento para fomentar e sustentar o encontro entre mulheres e homens que se engajam em atos de libertação e criação. O amor sustenta a existência e a missão da Igreja. O amor é o Espírito Santo que mantém a presença permanente de Jesus na Igreja e sua missão de continuar seu ministério na história. O amor mostra que a missão da Igreja é o diálogo para promover um encontro entre as pessoas no qual elas exerçam a tolerância, escutem umas às outras e estabeleçam um processo crítico de libertação e recriação do mundo.

³² DM, 4.8.

³³ DP, 1226.

³⁴ DP, 1227.

³⁵ DAp, 97.

3. Diálogo libertação e a voz dos pobres

Nesta última parte, apresento uma aplicação da ética teológica de caráter dialógico e libertador ao contexto da atenção à saúde e seus desafios éticos em saúde global. Com isso, ofereço um exemplo dessa perspectiva, que tem sido desenvolvida por eticistas teológicos no Brasil e promovida pela Sociedade Brasileira de Teologia Moral.

No campo da saúde global,³⁶ os principais modelos de governança seguem uma abordagem de cima para baixo (*top-down approach*), em que as decisões são tomadas por aqueles chamados especialistas sem a participação das pessoas que vivem nas realidades mais desafiadoras, devido a injustiças sociais e na saúde, ameaçando suas vidas diariamente.³⁷ Muitas iniciativas que visam ajudar os pobres correm o risco de infantilizá-los, com uma forma suave de gestão da pobreza através da dependência por meio de uma caridade, que evita a morte dos pobres que recebem ajuda, mas não faz nada para tirá-los da pobreza através da autonomia e da independência socioeconômica. Servir os pobres – sem acreditar que eles têm algo a oferecer, sem aceitar que conhecem sua própria realidade e sem reconhecer que podem ser nossos parceiros em qualquer esforço de promoção de saúde – não cria desenvolvimento autônomo. Aqui temos a questão ética sobre a perpetuação de injustiças na saúde, a marginalização de indivíduos apenas concebidos como objetos de uma ação, e criação e manutenção da dependência de pessoas com capacidade para serem sujeitos participativos e criativos. Uma abordagem libertadora é o oposto dessa ética da infantilização dos pobres desproporcionalmente

³⁶ Saúde global é uma nova área da saúde muito relacionada com saúde pública, porém orientada para questões globais e internacionais e como elas impactam a saúde e o bem-estar das populações, especialmente as mais vulneráveis. Essa área é marcadamente interdisciplinar e se compromete com a promoção da saúde por meio de iniciativas que levam assistência para populações empobrecidas, como fazem organizações não-governamentais relacionadas ao campo da saúde. Mais sobre isso, veja: FORTES, P. A. C. Refletindo sobre valores éticos da saúde global, p. 152-61. Um estudo abrangente sobre questões éticas de saúde pública e global a partir da ética teológica, pode ser encontrado em: MARTINS, A. A. The cry of the poor.

³⁷ Um bom exemplo desse modelo de governança de cima para baixo e de seu fracasso foi o modo como muitas ações de assistência médica e saúde pública foram desenvolvidas para enfrentar a epidemia de ebola no noroeste africano nos anos de 2016 e 2017. Decisões eram tomadas em escritórios na Europa e nos EUA por especialistas em saúde pública que nunca estiveram onde a epidemia ocorria, desconhecendo a real experiência das comunidades que sofriam com a doença e dos profissionais de saúde que atuavam na linha de frente. Um estudo muito abrangente que mostra essas contradições e muitos outros desafios está em: FARMER, P., Fevers, feuds, and diamonds.

vulneráveis às doenças e sofrendo com enfermidades. Os pobres são parceiros com a convicção de que têm, mesmo de forma não sistemática como é o saber científico, uma contribuição a oferecer; e podem dialogar com os especialistas em um autêntico processo de aprendizado mútuo. A ética teológica – fundamentada na opção preferencial pelos pobres e outros princípios do ensino social católico – pode contribuir para a criação e o desenvolvimento de processos de colaboração em vista do aprendizado mútuo.³⁸

Desenvolvida a partir do encontro com os pobres, uma ética teológica dialógica e libertadora é realizada a partir de baixo. Como tal, ela questiona as ações que visam ajudar os pobres, mas que dispensam sua contribuição como sujeitos, vendo-os apenas como destinatários passivos da caridade, sustentando assim, mesmo sem intenção, as atuais estruturas de opressão e objetificação dos grupos historicamente marginalizados. Sem enxergar os pobres como sujeitos e agentes de transformação, pode-se fornecer pão a eles, para que não morram de fome e “amem” aqueles que oferecem o pão. No entanto, eles não são reconhecidos como sujeitos e agentes históricos; e são impedidos de expressar sua própria experiência da condição humana e de desenvolver um conhecimento que permita compreender as razões de seu empobrecimento. Consequentemente, os pobres não tomam consciência das forças estruturais que criam a pobreza em que vivem e dos caminhos para lutar contra essas forças. Para aqueles que fornecem o pão, é bom que os pobres ainda estejam lá; caso contrário, como eles poderiam ser vistos como bons ou mesmo santos em casa ou em seus círculos de privilegiados? Ajudar os pobres sem tê-los como agentes de sua própria história, e sem perguntar por que são pobres, não cria problemas para quem desfruta do *status quo*, e nada muda.

Alimentar os pobres sem perguntar por que são pobres – lutando por sua independência socioeconômica dentro de sua própria realidade – significa contribuir para o que Paul Farmer chama de “gestão da pobreza”.³⁹ Gerenciar a pobreza proporciona ganhos para muitas pessoas com privilégios, incluindo muitos daqueles que dizem estar trabalhando para os pobres. Isso gerencia também um falso determinismo histórico que Paulo Freire afirma estar impresso na mente dos oprimidos para os controlar, de forma que não acreditam em sua própria capacidade de reconstruir a realidade e fazer história. Freire

³⁸ Sobre o aprendizado mútuo no contexto de saúde pública e global a partir da ética teológica, veja: MARTINS, A. A. *The cry of the poor*, p. 223-258.

³⁹ FARMER, P., *Pathologies of power*, p. 127.

entende isso como uma fonte de opressão dentro da mente de todos.⁴⁰ Para ele, a justiça começa com um processo de libertação da mentalidade desse determinismo histórico que decide quem é rico e quem é pobre. A história é feita pelo ser humano que é sempre desafiado a criar e recriar o mundo. Os pobres têm criatividade para recriar o seu mundo todos os dias, para sobreviver à realidade empobrecida e à opressão. Eles não são e não podem ser vistos como receptores passivos de nossas ações “para eles” – o que, na verdade, faz parte um paternalismo colonial, fruto desse determinismo histórico também em nossas próprias mentes.

Uma ética teológica dialógica é também libertadora porque vê que os pobres têm um poder na história que, uma vez reconhecido e capacitado, temos o que Gustavo Gutiérrez chama de “a irrupção do pobre na história”.⁴¹ Se queremos agir para construir justiça para os pobres como uma obrigação ética, isso deve ser feito *com e a partir* dos pobres e oprimidos. Não somos nós que os libertamos, mas eles que libertam a si mesmos e a nós, entre eles. Como sugere Paulo Freire, libertação e justiça só podem acontecer a partir dos oprimidos. O pobre não só se liberta, como também liberta o opressor, porque a classe opressora não liberta e não pode ser libertada por sua própria ação.⁴²

No contexto da saúde global, a relação entre pobreza e saúde é uma realidade baseada em evidências: a principal causa de problemas de saúde, doenças e morte prematura é a pobreza.⁴³ Cria-se um ciclo vicioso⁴⁴ que começa com a injustiça e termina com a morte: a *pobreza*, que não é um fenômeno natural, mas uma criação socioeconômica que torna as pessoas *vulneráveis a adoecer*. Uma vez doente, uma pessoa pobre *não tem acesso à assistência médica* necessária para se recuperar. Isso leva a *mais sofrimento*, tornando-a ainda mais pobre e mais enferma. Como resultado, *a pessoa empobrecida morre*, graças a um processo de negação da sua dignidade.

Qualquer trabalho com os pobres deve ser para que assumam um protagonismo histórico na luta por uma independência que quebre esse

⁴⁰ FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 39-50.

⁴¹ GUTIÉRREZ, G., *The Irruption of the poor in Latin American and the Christian communities of the common people*, p. 107-123.

⁴² FREIRE, P., *Pedagogia do oprimido*, p. 41.

⁴³ Existem muitos relatórios abrangentes com estudos que mostram a conexão entre pobreza e doença. Esses relatórios são promovidos por organizações como a OMS, o Banco Mundial e as equipes de trabalho da *The Lancet*, e podem ser encontrados em seus sites. Veja também: HABIBOV, N.; AUCHYNNIKAVA, A.; LUO R., *Poverty does make us sick*, p. 1-12.

⁴⁴ DANIELS, N. et al., *Health and inequality, or, why justice is good for our health*, p. 65-66.



ciclo vicioso. Os processos de governança⁴⁵ e as iniciativas em saúde global muitas vezes fornecem pão, mas não questionam por que as pessoas estão com fome, eximindo-se assim de tornar os pobres parceiros em um projeto de independência, a partir de sua força histórica que questiona as estruturas opressoras do capitalismo. Frequentemente, as iniciativas de saúde global simplesmente fornecem pão (isto é, alguns cuidados médicos) em uma forma branda de paternalismo colonial.⁴⁶ Aqui está um dos principais desafios para a saúde global. Para enfrentar esse desafio e quebrar o ciclo vicioso, o ensino social católico oferece recursos importantes, capazes de orientar caminhos para a inclusão dos pobres como sujeitos de diálogo e ação em projetos de saúde global.⁴⁷ A opção preferencial pelos pobres é um desses recursos que nos leva a mudar de perspectiva, de uma abordagem de cima para baixo para uma *de baixo para cima*, na qual os pobres são agentes da história.⁴⁸

Os pobres – que vivem esse ciclo vicioso responsável pela vulnerabilidade de muitas vítimas de violência contra sua dignidade – são vítimas da violência estrutural, um pecado social que gera opressão. Não são pobres por conta de uma forma qualquer de determinismo histórico, mas pessoas que foram empobrecidas. Se não mudarmos a forma paternalista colonial de ajudar os pobres, contribuiremos também para a manutenção da violência estrutural e do atual sistema de dominação econômica, mantendo-os aprisionados na falácia do determinismo histórico.

⁴⁵ CAMPOS, T. C., A European take on global public health, p. 141-151.

⁴⁶ Eugenio Richardson apresenta um estudo a partir de sua experiência servindo como médico em projetos de saúde global em países africanos, que mostra o paternalismo colonial de muitas iniciativas de saúde global nos países do hemisfério sul. Para ele, esse é um dos grandes desafios éticos que a bioética global deve enfrentar. RICHARDSON, E. T., *Epidemic Illusions*.

⁴⁷ Thana C. Campos mostra como os princípios do ensino social católico de subsidiariedade, solidariedade e participação são úteis para o desenvolvimento e a manutenção de iniciativas de saúde global e pública. CAMPOS, T. C., *Guiding principles of global health governance in time of pandemics*, p. 212-214.

⁴⁸ O livro *Ethical challenges in global public health*, da coleção Ética Teológica Global do grupo CTEWC (sigla em inglês para Ética Teológica Católica na Igreja Mundial) apresenta uma coletânea de textos escritos por um grupo interdisciplinar, incluindo médicos, advogados e teólogos, entre outros, que dialogam com os princípios sociais da Igreja Católica, principalmente a opção preferencial pelos pobres e sua contribuição para a promoção da saúde global. LANDRIGAN, P. L. e VICINI, A. (Orgs.), *Ethical challenges in a global public health*.

Conclusão

A opção preferencial pelos pobres leva a nos juntarmos a eles e aos oprimidos em vista de criar um processo de aprendizado conjunto e no *locus* social onde eles são vítimas da violência estrutural e de outras injustiças. Essa opção pelos pobres é uma perspectiva de baixo, a partir da experiência dos pobres, que coloca suas vozes no centro das discussões e das ações em vistas do bem comum, no contexto da saúde global e de qualquer outro bem social necessário para o florescimento humano. Isso cria um diálogo inclusivo onde todos são convidados a se unirem para avançar em um projeto de criar e recriar o mundo. A experiência dos eticistas teológicos no Brasil, como apresentada no início deste texto, tem construído uma produção abrangente – dentre textos, artigos e livros – que refletem um engajamento amplo e corajoso no diálogo com estudiosos de diferentes áreas, com os pobres e outros grupos historicamente oprimidos. O ponto de partida desta perspectiva teológica é a realidade onde ocorre o encontro com os pobres, os grupos oprimidos e o seu sofrimento.

Referências bibliográficas

CAMPOS, T. C. A European take on global public health: applying the Catholic principles of subsidiarity to global health governance. In: LANDRIGAN, P. L.; VICINI, A. (Orgs.). **Ethical challenges in a global public health: climate change, pollution, and the health of the poor**. Eugene: Pickwick Publications, 2021, p. 141-151.

CAMPOS, T. C. Guiding principles of global health governance in time of pandemics: solidarity, subsidiarity and stewardship in covid-19. In: **The American Journal of Bioethics**, v. 20, n.7, p. 212-214, jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/15265161.2020.1779862>>. Acesso em: 6 set. 2022.

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo; Brasília: Paulus; CNBB, 2007.

CELAM. Documento de Medellín. In: CELAM. **Documentos do Celam**: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 71-224.

CELAM. Documento de Puebla. In: CELAM. **Documentos do Celam**: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 225-584.

COELHO, M. M. et al. (Orgs.). **Cruzar fronteiras**: uma urgência para a ética teológica. Aparecida: Santuário; SBTM, 2022.

DANIELS, N.; et al. Health and inequality, or, why justice is good for our health. In: ANAND, S.; PETER, F.; SEN, A. **Public health, ethics, and equity**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 65-66.

RICHARDSON, E. T. **Epidemic Illusions**: and the coloniality of global public health. Cambridge: The MIT Press, 2020.

FARMER, P. **Fevers, feuds, and diamonds**: Ebola and the ravages of history. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2020.

FARMER, P. **Pathologies of power**: health, human rights, and the new war on the poor. Berkeley: University of California Press, 2003.

FORTES, P. A. C. Refletindo sobre valores éticos da saúde global. **Saúde e Sociedade**, v. 24, n.1, p. 152-61, abril 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015S01013>>. Acesso em: 06 set. 2022.

FRANCISCO, papa. **Exortação apostólica *Evangelii gaudium***, 24 nov. 2013. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html >. Acesso em: 07 set. 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Fratelli tutti***, sobre a fraternidade e a amizade social. 03 out. 2022. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html >. Acesso em: 07 set. 2022.

FRANCISCO, papa. **Carta encíclica *Laudato si'***, sobre o cuidado da casa comum. 24 mai. 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 07 set. 2022.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Querida Amazonia***, 02 fev. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html>. Acesso em 07 set. 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GUTIÉRREZ, G. The irruption of the poor in Latin American and the Christian communities of the common people. In: TORRES, S.; EAGLESON, J. **The challenge of Basic Christian Communities**. Maryknoll: Orbis Books, 1981, p. 107-123.

HABIBOV, N.; AUCHYNNIKAVA, A.; LUO R. Poverty does make us sick. In: **Annals of Global Health**, v. 85, n.1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <doi.org/10.5334/aogh.2357>. Acesso em: 07 set. 2022.

HOEPERS, R. **Teologia moral no Brasil: um perfil histórico**. Aparecida: Santuário, 2015.

HOEPERS, R. O Legado teológico-moral da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e sua força transformadora no Brasil: uma visão em 3D. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Ética teológica e transformações sociais**. Aparecida: Santuário; UNISAL; São Camilo; SBTM, 2014, p. 337-361.

HOEPERS, R. Nossa história. In: **Sociedade Brasileira de Teologia Moral**. Disponível em: <<https://www.sbtmpesquisadores.org.br/história>> acesso em: 05 set. 2022.

HOEPERS, R. SBTM – 45 anos construindo pontes e abrindo fronteiras. In: COELHO, M. M. et al. (Orgs.). **Cruzar fronteiras: uma urgência para a ética teológica**. Aparecida: Santuário, 2022, SBTM, p. 377-395.

LANDRIGAN, P. L.; VICINI, A. (Orgs.). **Ethical challenges in a global public health: climate change, pollution, and the health of the poor**. Eugene: Pickwick Publications, 2021.

MARTINS, A. A. Drogas: interpelações à teologia moral. In: PESSINI, L and ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Ética teológica e juventudes II: interpelações recíprocas**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2014, p. 71-81.

MARTINS, A. A. **The cry of the poor: liberating ethics and justice in health care**. Lanham: Lexington, 2020.

MILANEZ, N. Por uma tética. In: COELHO, M. M. et al. (Orgs.). **Cruzar fronteiras: uma urgência para a ética teológica**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2022, p. 333-340

MILLEN, M. I. C. A violência contra as mulheres. In: ZACHARIAS, R., MILLEN, M. I. C. (Orgs.). **A Moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2020, p. 173-196.

PAULO VI, PP, **Carta encíclica *Ecclesiam suam***, 06 ago. 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html>. Acesso em: 07 set. 2022.

PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Ética teológica e transformações sociais**. Aparecida: Santuário; UNISAL; São Camilo; SBTM, 2014.

PESSINI; ZACHARIAS (Orgs.). **Teologia Moral: fundamentos, desafios e perspectivas**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2015.

SANTOS, F. Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento da formação. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. (Orgs.) **Formação: Desafios Morais 2**. São Paulo: Paulus, 2020, p. 335-354.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE TEOLOGIA MORAL. **Congressos**. Disponível em: <<https://www.sbtmpesquisadores.org.br/congressos>> acesso em 06 set. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE TEOLOGIA MORAL. **Publicações**. Disponível em: <<https://www.sbtmpesquisadores.org.br/publicações>> acesso em 06 set. 2022

THE SOCIETY OF CHRISTIAN ETHICS. **History of the SCE**. Disponível em: <<https://www.scethics.org/history>> acesso em: 06 set. 2022.

TRASFERETTI, J. A.; DUQUE, T. Diversidade Sexual: interpelações à Teologia Moral. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Diversidade Sexual: interpelações à Teologia Moral**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 109-134.

TRASFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Ética teológica e pandemias: Entre a razão e a urgência social**. São Paulo: Paulus, 2021.

TRASFERETTI; ZACHARIAS (Orgs.). **Ser e viver: bioética, biotecnologia e sexualidade**. Aparecida: Santuário, SBTM, 2008.

ZACHARIAS, R., MILLEN, M. I. C. (Orgs.). **A Moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2020.

ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. de C. (Orgs.). **O Imperativo ético da misericórdia**. Aparecida: Santuário; SBTM, 2016.

ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. de C. (Orgs.). **Discernimento moral e benignidade pastoral**: para além das incompreensões e resistências à Amoris Laetitia. Aparecida: Santuário; SBTM, 2021.

Alexandre Andrade Martins

Doutor em Ética Teológica e Bioética pela Universidade Marquette

Docente no Departamento de Teologia da Universidade Marquette

Milwaukee / Wisconsin – EUA

E-mail: alexandre.martins@marquette.edu

Recebido em: 09/09/2022

Aprovado em: 07/11/2022

10.17771/PUCRio.ATeo.61607

